

ZUMBI DOS PALMARES

Por uma educação antirracista



ZUMBI DOS PALMARES

Por uma educação antirracista

Walter Vadala

Monstro dos Mares

Ponta Grossa – PR

Setembro de 2020

Aviso de Copyleft: Esta publicação é uma ferramenta de luta contra o capitalismo, a colonialidade e o patriarcado em todas as suas expressões. Por isso, pode e deve ser reproduzida para ler em qualquer lugar, discutir em grupo, promover oficinas, citações acadêmicas, rodas de conversas e fazer impressões para fortalecer o seu rolê anárquico / anarquista / banquinha de zines / coletivo. Compartilhar não é crime. Pirataria é multiplicação.

Zumbi dos palmares: por uma educação antirracista

Walter Vadala (waltinho.vadala@gmail.com)

Adaptação do artigo científico de pós-graduação em Cultura e Arte Afro-brasileira e Indígena na Educação

Capa, ilustrações e diagramação:

Monica Marques (monica.marques@rocketmail.com)

Revisão de texto:

Luciana Teixeira Moraes (lucianateixeirams@gmail.com)

Assistente editorial:

Tiago Jaime Machado (editora@monstrodosmares.com.br)

Editora Monstro dos Mares

Divulgação Acadêmica Anárquica

Caixa Postal 1560

Ponta Grossa – PR

84071-981

www.monstrodosmares.com.br

editora@monstrodosmares.com.br

Ficha catalográfica elaborada com os dados fornecidos pelo(a) autor.

Paulo Roberto Freitas da Silva (CRB -14/1655)

V136 VALADA, Walter

Zumbi dos Palmares : Por uma educação antirracista / Walter Valada -
Ponta Grossa, PR: Monstro dos Mares, 2020.

71 p. ; il. pb.

Inclui bibliografia
ISBN 978-65-86008-03-6

1. Educação – Educação antirracista. 2. Método de ensino. 3. O negro e a educação. 4. Zumbi dos Palmares. I. Título.

CDD 371.3



Um livro dedicado aos oprimidos...
Uma dívida histórica que a sociedade só pode sanar
com a educação das nossas crianças.
Viva a resistência!

PEDIDO DE SOLIDARIEDADE

Só é possível fazer e distribuir livros e zines porque algumas pessoas compreendem essa função das editoras anárquicas e anarquistas. Escolhendo alguns itens em nossa lojinha, chegando junto na banquinha ou entrando com recursos financeiros na Rede de Apoio, quando viável, você fortalece a divulgação dos materiais. Seu apoio contribui para a disseminação de conhecimentos dissidentes e não-normativos, fazendo-os chegar a coletivos e singularidades que atuam em nome da liberdade e da autonomia. Contribua a partir de R\$ 5 por mês para que mais projetos como o que você tem em mãos possam existir e chegar em mais pessoas.

www.catarse.me/monstromensal

SUMÁRIO

Apresentação 11

PARTE 1

CONTEXTO HISTÓRICO

O Quilombo dos Palmares 17

O grande chefe Ganga-Zumba 25

De menino Francisco ao chefe Zumbi 33

PARTE 2

ZUMBI NA EDUCAÇÃO

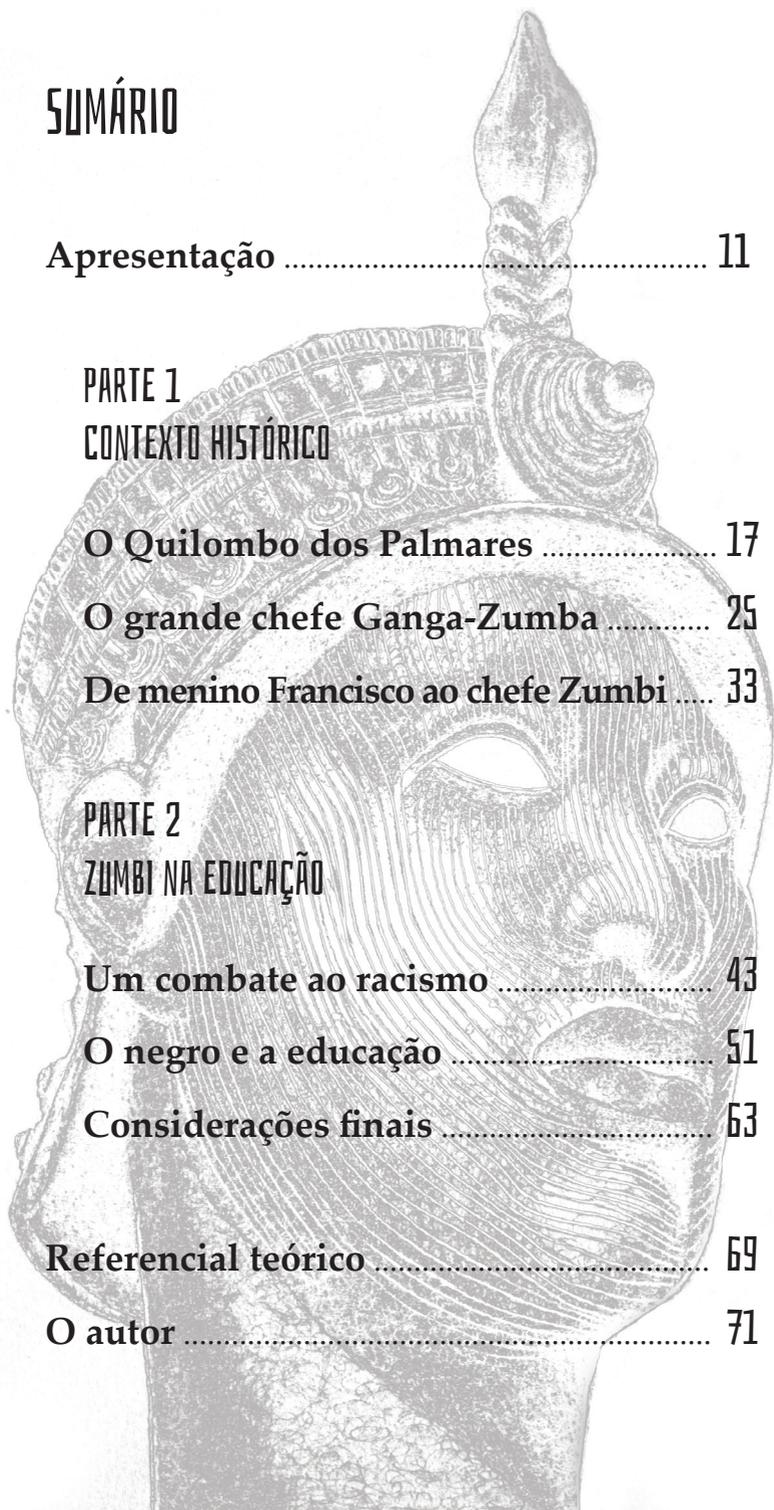
Um combate ao racismo 43

O negro e a educação 51

Considerações finais 63

Referencial teórico 69

O autor 71



APRESENTAÇÃO

Zumbi dos Palmares é com certeza um dos maiores nomes da história do Brasil. Um grande líder, excelente estrategista e recordista em vitórias militares. Um líder político social, responsável por organizar e gerir uma sociedade que vivia a parte da colônia brasileira do século XVII. Em seu momento histórico, seu nome era respeitado e temido, foi considerado ao mesmo tempo um herói e um vilão, e mesmo após sua morte continuou sendo uma referência a ser seguida por aqueles que buscavam a liberdade e também uma referência a ser repreendida por aqueles que controlavam o sistema durante o Brasil colônia. Ao estudarmos a história de Zumbi, desde sua fuga na infância para reencontrar o local que nasceu – no alto da Serra da Barriga – à sua ascensão dentro de Palmares, a liderança que exerceu no Quilombo até o momento de sua morte, em 20 de novembro de 1695, o que se encontra nos registros históricos, em síntese, é a história de um homem negro que não aceitava ser oprimido pelo sistema vigente e decide confrontá-lo através da resistência.

A história de Zumbi e do Quilombo dos Palmares tem o contexto histórico necessário para entender as raízes do racismo e da desigualdade no Brasil, e pode ser utilizada pelos professores em salas de aula como instrumento para expor aos alunos essas

bases históricas e sociais que formaram o racismo social típico do Brasil, herança do sistema escravocrata que durou mais de 330 anos. Afinal, mesmo depois de proibido através da Lei Áurea em 1888, continuou presente pela falta de políticas públicas de inserção do negro na sociedade, gerando uma falta de pertencimento do negro na sociedade brasileira, reforçando a desigualdade racial e por consequência o racismo.

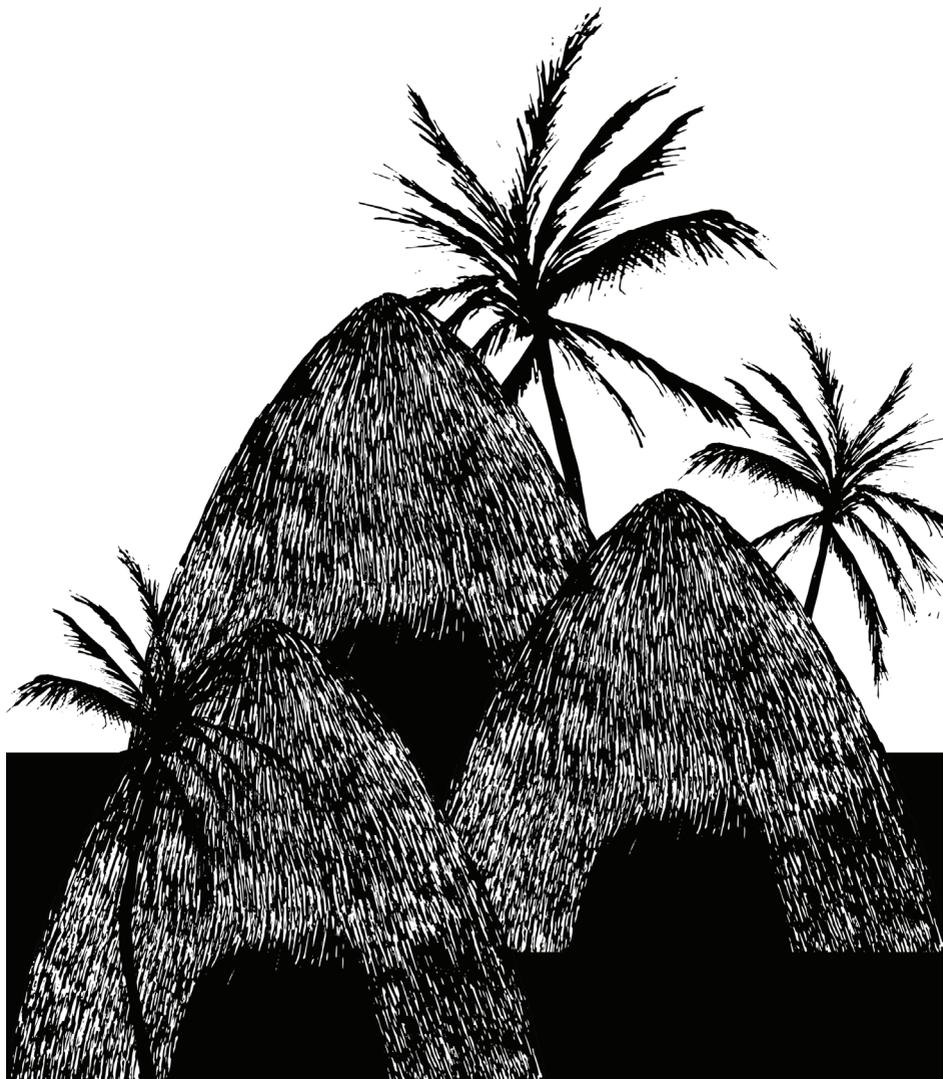
Contudo, o professor também tem a possibilidade de, dentro da mesma temática de Zumbi e do Quilombo dos Palmares, levar o educando a compreender que esse movimento escravocrata não reflete toda a história negra. O entendimento da mentalidade de Zumbi e a compreensão da estrutura sociocultural dos diversos Quilombos situados em Palmares faz romper a visão limitante da história tradicional eurocêntrica que ainda permeia os livros didáticos. Através de um movimento iniciado ainda no período escravista do Brasil, de uma resistência negra muito inspirada por Zumbi e o Quilombolas, nasce um movimento negro que busca a igualdade social e o combate ao racismo, e vê na educação a maior ferramenta para alcançar esses objetivos. O movimento negro por meio da luta e da resistência durante décadas, assim como Zumbi, tem em uma das suas maiores conquistas a Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas e particulares de todo o Brasil.

Desta forma, a história de Zumbi dos Palmares possui toda a contextura necessária para levar o educando à compreensão de como a cultura afro-brasileira e africana é fundamental na formação da identidade cultural brasileira, e como o educador pode questionar e combater as estruturas eurocêntricas históricas que ainda permanecem intrínsecas na maneira que se conta a história negra dentro das escolas é o intuito principal desse artigo. Seguindo uma breve análise de como o movimento negro se mobilizou ao longo do século XX para obter uma das maiores conquistas afro-brasileiras na educação, a inserção da sua história e da história de suas raízes africanas, no currículo educacional do país.

O movimento negro é a organização do afro-brasileiro na construção do combate ao racismo na educação brasileira. Ele serve de exemplo teórico metodológico para os educadores superarem o “racismo histórico” que ainda reflete na educação brasileira e influencia principalmente no processo de identidade do educando negro, que não se vê representado na formação cultural brasileira. Por mais que a teoria explique que a identidade brasileira se forma com a cisão das culturas europeias, indígenas e africanas, apenas a cultura branca é descrita na história. Entretanto, a partir do momento que temos um herói negro que luta pela liberdade mesmo estando a margem do sistema, esse aluno se vê representado e culturalmente pertencente a essa identidade brasileira.

PARTE 1

CONTEXTO HISTÓRICO



O QUILOMBO DOS PALMARES

A história de Zumbi dos Palmares se mistura com a história do quilombo que carrega em seu nome. Sua vida e sua história giram em torno desse local que por muito tempo foi considerado tanto um lugar dos sonhos como uma ameaça – e Zumbi também não se difere.

Segundo Joel Rufino dos Santos, a história do assentamento de Palmares se inicia com uma revolução dos escravos de uma fazenda ao sul de Pernambuco, no ano de 1597. Os mesmos se rebelaram e mataram toda a população livre do local. Depois disso, fogem com medo da repressão.

Cerca de 120 quilômetros do litoral, encontram-se em um local privilegiado, onde tem uma visão de todo o entorno: Rios, trilhas e serras, com uma infinidade de frutas, ótima terra para plantio, cercado por águas limpas e onde havia uma abundância de palmeiras – originando o nome “palmares”. Essa região ficou conhecida por Serra da Barriga, localizada entre as atuais cidades de Sirinhaém (PE) e Viçosa (AL).

Pernambuco era o coração do mundo açucareiro colonial durante o século XVI, e na virada para o século XVII se iniciava a introdução da mão de obra escrava africana no sistema colonial. O motivo era que os indígenas deixaram de ser produtivos para os fazendeiros.

Entre os principais pontos que influenciaram essa necessidade de mudança, encontram-se as doenças que as tribos adquiriam com o contato com os europeus; as fugas que ocorriam constantemente, pois conheciam bem a geografia local e acabavam se embrenhando na mata, quase nunca sendo encontrados; e também os jesuítas que cada vez mais se dedicavam a catequização dos nativos e com o passar do tempo se colocaram contra a escravidão indígena. Com isso os fazendeiros buscaram a substituição da mão de obra escrava indígena pela mão de obra escrava africana, já utilizada pelos portugueses na exploração de outras colônias.

É no contexto de mudança de logística exploratória que se estrutura e consolida na Serra da Barriga uma sociedade a parte da colônia. Formada por aqueles que não se contentavam com esse sistema colonial baseado na exploração da mão de obra africana, os considerados a escória da sociedade, sem participação alguma além da produção. Integrada pelos questionadores que eram humilhados e castigados fisicamente por suas perguntas e atos, rebelando-se, assim, do sistema imposto e organizando uma sociedade pautada nas suas raízes originárias africanas, recordando e reinventando a cultura, a política, a economia e a identidade.

Importante observar que o sentimento de descontentamento que se transforma em uma sociedade a parte do sistema vigente não é uma particularidade da história do Brasil, visto que acontece em toda América como resposta a exploração da mão de obra escrava africana e indígena.

“Grandes e pioneiras comunidades de fugitivos não foram exclusividade do Brasil colonial. Há notícias delas e de seus líderes em várias partes das Américas: no século XVI, no Panamá uma comunidade liderada por um africano de nome Bayano; outra, na Venezuela, sob a liderança de um crioulo intitulado rei Miguel; na Colômbia, uma chefiada por Benkos Biohó, ou, no início do século XVII, na região de Vera Cruz, México, uma sob o poder de Yanga.” (Gomes, 2011)

A grande maioria dos habitantes do Quilombo¹ eram escravos fugidos, mas não havia apenas negros em Palmares. Lá era possível encontrar muitos indígenas, mulçumanos, judeus e mulheres consideradas bruxas vivam nessa sociedade que abrigava as minorias perseguidas na colônia. Uma sociedade de base agrícola, que dominou a fauna e flora da região e passou a utilizar os excedentes produzidos através de trocas mercantis com moradores das regiões próximas, estabelecendo uma economia própria. Segundo historiadores, Palmares só se estrutura como um grande Quilombo de organização mútua a partir de 1630.

Mesmo hoje com o grande material historiográfico disponível é difícil ser preciso na estrutura social, política, econômica e cultural de Palmares. Primeiro por se tratar de história cultural, onde cada autor deixa sua visão particular a partir do seu eixo de pesquisa. Mas principalmente por se tratar da história de uma rede social clandestina, onde a colônia tinha poucas informações da

1 Nos primeiros registros históricos, verifica-se que no Brasil se utilizava a palavra mocambos, do dialeto Quimbundo, cujo significado é “pau de fileira”. Mas a partir do século XVII se passou a utilizar quilombos, que na maioria das línguas bantas da África Central significa “acampamento”.

Estes mocambos levavam o nome de seus líderes ou de suas localizações geográficas. Constatam em documentos coloniais o nome de dezoito mocambos: Una, Aqualtune, Pedro Capacaça, Acotirene, Gôngoro, Subupira, Cacaú, Oiteiro, Tabocas Grande, Osenga, Quissama, Garanhuns, Tabocas Pequeno, Dambraganga, Catinga, Quiloange, Andalaquituche e o principal mocambo, o Macaco.

Cada mocambo era independente, com sua liderança, organização social e econômica, com casas simples, feitas de pau e cobertas com folhas de palmeiras. O centro era uma praça com uma grande casa, também de paus enfileirados e coberta por folhas, onde se reunia o conselho para tomar as decisões sobre o Quilombo. Havia também uma espécie de mercado, oficinas artífices, cisternas e até capelas. Mas apesar dessa independência, existia um líder de todo o Quilombo, que tomava as decisões econômicas, políticas, sociais e militares. Conforme documentações coloniais, quem ocupou esse papel por muito tempo foi um chefe chamado Ganga Zumba.



O GRANDE CHEFE GANGA-ZUMBA

Ganga Zumba era filho de Aqualtune, pertencente a uma família real do Congo, que foi capturada e trazida para o Brasil para o trabalho escravo. Ao saber de Palmares, fugiu para o Quilombo onde teve seu filho. Já em Palmares foi líder de um Mocambo que levava seu nome e trouxe muito das raízes africanas para a Serra da Barriga, e Ganga Zumba desde criança já participava da organização do povoado. Ele se torna o primeiro grande chefe do Quilombo dos Palmares por volta de 1670, aclamado por todos os palmaristas, chamados por muitos de grande pai. Seu papel como grande chefe do Quilombo dos Palmares vai até o ano de 1678.

Durante o período, Ganga Zumba é líder de uma sociedade livre, com fartura de alimentos, enquanto a sociedade açucareira do Norte do Brasil passava por diversas crises. Ele transformou Palmares em um Estado, com um pacto militar de apoio mútuo entre os mocambos, através de um conselho com os líderes – os Maiorais³ – de cada mocambo, que o aclaram como Maioral de todos os palmarinos. Ganga Zumba tratava esses líderes como filhos, trazendo a essência africana de tribo para Palmares.

A prosperidade existente no Quilombo dos Palmares era um contraste com o mundo açucareiro, pois as fazendas eram grandes monoculturas⁴ e não havia a diversidade de alimentos da Serra da Barriga. Logo, um guerreiro palmarino se alimentava muito melhor do

que um capanga contratado pelos fazendeiros, e essa diferença era vista na prática pelas diversas investidas sem êxito feitas em Palmares. A técnica de guerrilha do mato era a mais utilizada pelos habitantes do quilombo, e por conhecerem cada canto da geografia da Serra da Barriga conseguiam sempre vencer.

Em 1677 é organizada uma grande expedição bancada pelos fazendeiros: 185 homens bem armados, liderados por um soldado com grande fama de caçador de escravos fugidos, Fernão Carrilho. É a primeira vez que uma investida a Palmares consegue algum êxito, pois consegue invadir os mocambos e capturar alguns quilombolas, matando ainda João Gaspar, João Tapuia e Ambrósio, chefes e maioraes de mocambos. Esta derrota é o início da decadência de Ganga Zumba, que passa a perder o respeito dos líderes dos mocambos e dos palmarinos.

A guerra contra Palmares era um dos principais focos do governo colonial. O Quilombo era considerado um inimigo dentro da sociedade, que ameaçava toda a colônia e devia ser combatido e destruído. Essa guerra ocasionou prejuízo em ambos os lados, resultando em muitas baixas no Quilombo e a destruição dos mocambos, e custando muito dinheiro para a colônia. O governador de Pernambuco Pedro de Almeida decide estabelecer um acordo através de uma negociação que pudesse desestruturar Palmares e, de certo modo, agradar os habitantes do Quilombo,

e envia essa proposta até a Serra da Barriga convidando o chefe para a negociação em Recife.

Em 05 de novembro de 1678 Ganga Zumba entra em Recife com sua comitiva palmarina, usando suas vestimentas e cabelos de típicos africanos, e seus arcos e flechas, causando um choque imenso para a população. O acordo estipulava quatro principais pontos: Os negros nascidos em palmares eram livres; os que aceitassem a paz receberiam terras para viver; o comércio entre negros e os povoados vizinhos ficava liberado e legalizado; os negros que aceitassem a paz, passariam a ser vassalos da coroa, como quaisquer outros. Este acordo ficou conhecido como “A paz dos chefes”.

Ganga Zumba retorna ao Quilombo e ao apresentar o acordo percebe o grande descontentamento dos palmarinos. O grande chefe agora estava desmoralizado pela derrota frente a Fernão Carrilho e pelo acordo miserável que aceitara do governador de Pernambuco, convenção essa que remetia à escravidão e tirava a oportunidade de outros escravos alcançarem a liberdade que existia no Quilombo dos Palmares.

Então emerge Zumbi, que já era chefe militar, comandante do exército geral do Quilombo⁵, mostrando imensa insatisfação e se opondo ao contrato firmado entre Ganga Zumba e a colônia. Apoiado por outros líderes de mocambos, marcha até o centro do mocambo do

5 Posto militar responsável por liderar os exércitos de todos os mocambos.

Macaco para encontrar o grande chefe Ganga Zumba, mas ao chegar lá o mesmo já havia fugido de Palmares com cerca de trezentos seguidores para Cacaú, território próximo à Recife, prometido pelo governo para aqueles que aceitassem deixar o Quilombo.

Zumbi ocupa e cerca todo o mocambo do Macaco, executa os apoiadores de Ganga Zumba e toma o poder, declarando-se o grande chefe, com apoio dos líderes e os maiorais dos outros mocambos. A partir desse momento a historiografia diz que ele aplica uma “ditadura militar” em Palmares: Aumenta o exército ao convocar todos os homens adultos, redistribui a população e os mocambos seguindo critérios militares, fortifica as muralhas, aumenta os fossos e os sentinelas, implanta um método de espionagem nas redondezas da Serra da Barriga e até em Recife, para saber de tudo que ocorria ao redor do Quilombo. Zumbi transforma o Quilombo em uma gigante fortaleza.

Enquanto isso em Cacaú, nas terras cedidas pelo governo a Ganga Zumba as coisas não são como o combinado. Eles vivem praticamente cercados, pois os vizinhos não os tratavam com respeito, praticando incêndios e roubos, trazendo muita insegurança. Além disso, era comum a entrada de homens buscando reaver escravos fugidos entro do território de Ganga Zumba, trazendo medo e instabilidade para o local. Rapidamente muitos apoiadores de Ganga Zumba decidem fugir para Palmares e ele toma uma decisão para conseguir apoio

para continuar a governar Cacaú. Em troca do apoio do governo, ele denuncia um plano secreto de Zumbi para matar o governador Pedro de Almeida.

Assim, o governo elabora um acordo onde Zumbi e os palmarinos poderiam ir para onde eles bem entendessem, livres para viver, desde que fosse longe da Serra da Barriga. O acordo é enviado para o Quilombo através do irmão de Ganga Zumba, tio de Zumbi, e a resposta foi um sonoro não.

Zumbi agora é o grande chefe do Quilombo dos Palmares e decide resistir as negociações com o governador de Pernambuco, declarando guerra à colônia. Se aceitasse o acordo de “paz dos chefes”, ou o segundo acordo enviado diretamente a ele pelo governador Pedro de Almeida, seria o fim de Palmares. Não existiria mais refúgio para escravos que fugissem das crueldades escravistas praticadas na colônia. Desta forma, ele troca a promessa de liberdade que o governo havia dado pela promessa de liberdade a todos os negros que sonhavam com a liberdade e escolhessem ir ao Quilombo dos Palmares.

Pela terceira vez na vida Zumbi dos Palmares decide virar as costas para a colônia e para o mundo escravista. Ao 15 anos deixa a liberdade e o conforto dado pelo Padre Melo para voltar a Palmares, ao 23 recusa a “paz dos chefes” que Ganga Zumba firmava com os brancos e que ia garantir para ele a liberdade por ter nascido em Palmares e finalmente aos 25 anos decide resistir em Palmares para combater.



DE MENINO FRANCISCO A CHEFE ZUMBI

Para entender a decisão de Zumbi em resistir junto aos palmaristas, opondo-se a decisão do grande chefe Ganga Zumba de paz com a colônia e assim manter de pé o Quilombo dos Palmares, possibilitando a oportunidade de refúgio para aqueles que não aceitavam a tirania social que era praticada na colônia, é necessário voltar na história para compreendemos quando o menino Francisco se torna Zumbi.

A historiografia mostra que Francisco nasceu no ano de 1655, na Serra da Barriga, dentro do Quilombo de Palmares, mas foi capturado ainda bebê em uma das primeiras expedições contra o Quilombo, enviada pelo governador Francisco Barreto e liderada por Brás da Rocha Cardoso, um dos mais respeitados comandantes militares da época. Segundo os estudos de Décio Freitas, em seu livro *Palmares: A guerra dos escravos*, a expedição capturou diversos quilombolas, adultos e crianças, e uma dessas crianças era um bebê de poucos dias que foi entregue a um chefe das colônias de Porto Calvo, em Alagoas, organizada pelo poderoso Clã da Família Lins⁶. Essa família resolve dar o pequeno bebê de presente a um padre português muito respeitado na região, o padre Antonio Melo, que vivia em Porto Calvo, cujos limites marcavam a fronteira entre o povoamento e Palmares.

6 Família de origem alemã que detinha poder econômico e político na região nordeste da colônia, donos de diversos engenhos do entorno.

O padre Antonio Melo batizou a pequena criança com o nome cristão Francisco e observando que o menino era muito inteligente, resolveu lhe dar instrução. Ele aprendeu a ler e escrever – não só em português, mas também em latim –, bem como estudou sobre a religião católica, chegando a se tornar coroinha aos dez anos de idade. Considerando o cenário do período e as condições existentes, Francisco teve uma boa infância. O padre até podia lhe bater, mas ele não viva como um escravo, e não por questões de afeto, mas sim por uma lei do Conselho Ultramarino que afirmava que negros nascidos em Palmares não eram escravos.

Em 1662 o padre regressa a Portugal para ser ordenado como responsável por uma paróquia em Santa-rém, deixando Francisco aos cuidados de um amigo muito próximo e tudo indica que este também era um padre, com quem trocava correspondências a respeito do garoto.

Mas tudo muda quando uma carta chega ao padre Antonio Melo comunicando a fuga do já adolescente (15 anos completados em 1670) durante a madrugada. Algo fez Francisco deixar o seu conforto e o mundo católico para trás em busca de suas origens na companhia dos negros levantados em Palmares.

Por três vezes voltou a Porto Calvo, levando presentes para aqueles que o criaram, pois sabia da miséria que se encontravam, mas já não era o menino Francisco. Ao chegar no Quilombo deixou também para traz seu

nome cristão e agora se chamava Zumbi. Em Palmares, entendeu que uma das maiores violências que os negros sofriam na colônia era não poder carregar suas raízes africanas e a maior das violências era dar um nome cristão, esvaziando assim sua essência de sua cultura. A grande maioria dos escravos nascidos na colônia tinham apenas o nome cristão, mas ao se aquilombarem costumavam tomar um novo nome com origem ioruba, quimbundo ou de outros dialetos nativos vindos da África. Francisco morre ao entrar em Palmares para renascer Zumbi e começa a constituir livremente sua família, um pai, irmãos, filhos, tias e tios – e um desses se chamava Ganga Zumba, o grande chefe, que adota Zumbi como sobrinho.

Zumbi rapidamente consegue se destacar onde quer que esteja e ganhar respeito dos palmaristas e dos maioraís de toda a Serra da Barriga. Com 17 anos já organiza e lidera um mocambo, e ao completar 19 anos já é considerado maioral. Um ano antes, em 1673, ele enfrenta uma grande expedição liderada por Antonio Jacome Bezerra que buscava destruir Palmares, e consegue obter a vitória ao derrotar os invasores. Com isso, ganha o título de “cabo maior”, um importante posto militar dentro da organização do Quilombo. E no ano de 1677, quando a hegemonia de Ganga Zumba começa a ser perdida graças a derrota frente a Fernão Carriho, Zumbi já é considerado o “General das Armas”, o maior posto militar dentro do Quilombo dos Palmares.

Chegam em Palmares muitos fugidos de Cacaú e com eles a notícia da grande guerra interna que ocorria no local cedido a Ganga Zumba, com muita fome, instabilidade e sangue. Junto aos fugidos vem também a notícia que Ganga Zumba teria sido morto por envenenamento, supostamente por conspiradores adeptos de Zumbi, que depois foram mortos pelo governo e expostos em praça pública. Estes fatos fazem crescer ainda mais a vontade de Zumbi de resistir e combater a colônia.

Em 1680, o governo ainda tenta um acordo de paz, dando perdão a todos os crimes de Zumbi se ele aceitasse viver em Pernambuco junto a seu tio Ganga Zumba. Em 1685 é enviado um último acordo à Palmares, uma carta do próprio Rei Pedro II, de Portugal:

“Eu El-Rei faço saber a vós Capitão Zumbi dos Palmares que hei por bem perdoar-vos de todos os excessos que haveis praticado assim contra minha Real Fazenda como contra os povos de Pernambuco, e que assim o faço por entender que vossa rebeldia tem razão nas maldades praticadas por alguns maus senhores em desobediência às minhas reais ordens. Convido-vos a assistir em qualquer estância que vos convier, vossa mulher, vossos filhos, e todos os vossos capitães, livre de qualquer cativo ou sujeição, como meus fiéis e leais súditos, sob minha real proteção, do que fica ciente meu governador que vai para o governo dessa capitania.” (Santos, 1965)

Zumbi não deu respostas e ignorou os dois acordos. Também derrotou todas as tropas que tentavam se aproximar da Serra da Barriga e ainda praticou invasões e saques nas regiões de São Miguel, Penedo e Alagoas. A colônia decide utilizar dos velhos meios para

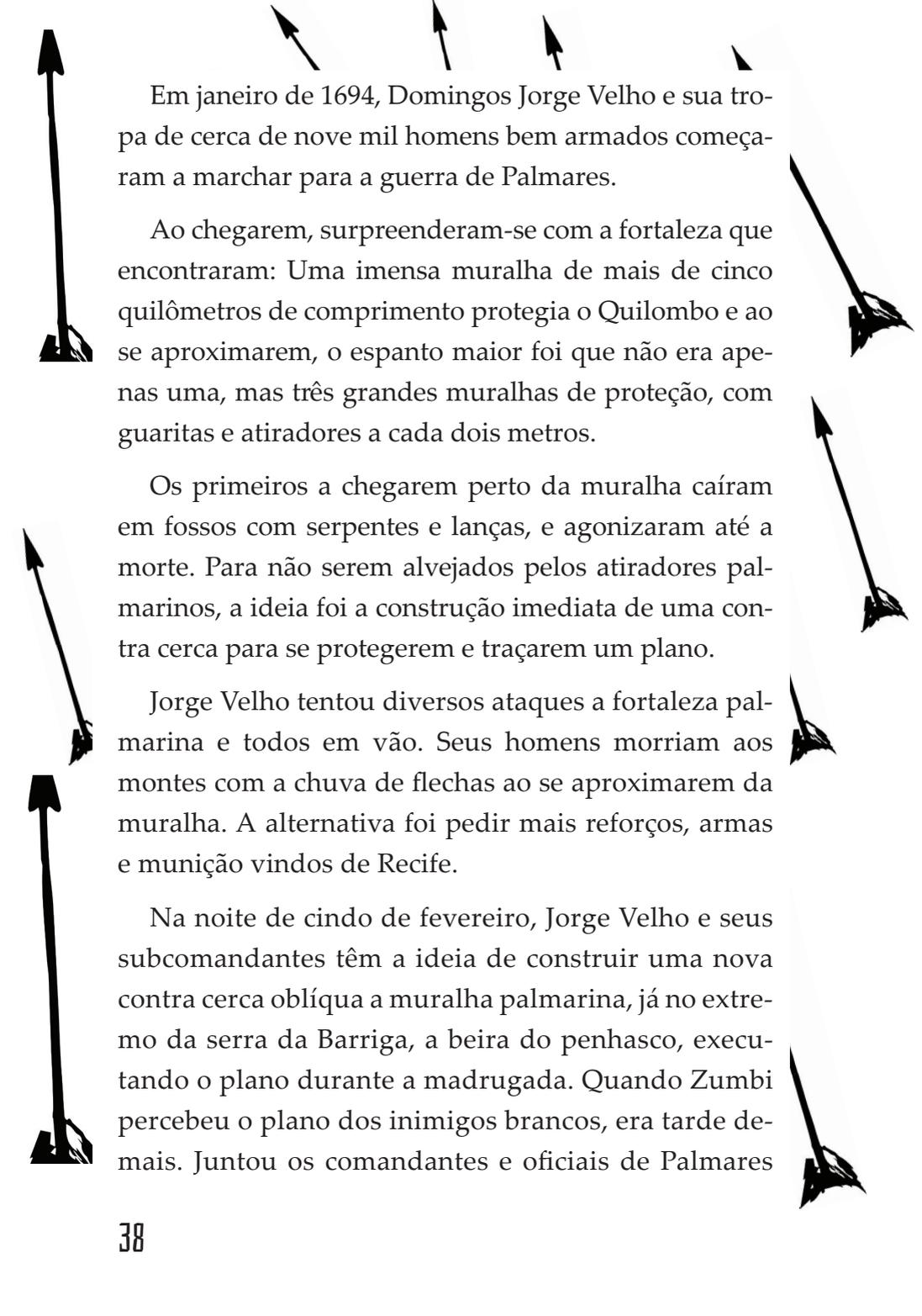
lidar com Zumbi e o Quilombo dos Palmares: A guerra. Logo, de 1685 em diante se inicia uma série de ataques a Palmares, onde cada golpe era respondido com outro, já que os palmaristas atacavam também as fazendas ao redor de Recife, saqueando e matando os fazendeiros, gerando assim um grande período de conflitos⁷.

Neste momento Zumbi dos Palmares se torna um caos extremo na história do Brasil como resistência ao sistema vigente na sua época, considerado o maior inimigo da colônia. Em questões de história militar, ele pode ser colocado ao lado dos grandes generais, como Ciro e Napoleão. Na história brasileira é o maior recordista em vitórias militares e a maior diferença de Zumbi para os grandes generais da história é que diferente de qualquer outro, ele não combatia para obter títulos, territórios, dinheiro ou glórias. Zumbi sempre lutou e resistiu por legítima defesa e pela liberdade daqueles que a almejavam.

Domingos Jorge Velho chega em Recife no ano de 1688. Ele era conhecido como o maior de todos os bandeirantes, um exímio caçador de índios no sudoeste da colônia. No nordeste, ele estabelece um acordo em forma de contrato com o governo de Pernambuco, comprometendo-se a destruir Palmares em troca de receber, junto com seus oficiais, a sesmarias⁸ em Palmares, além de todos os negros capturados como forma de pagamento, arma e munição para as batalhas, anistia prévia para todos os seus crimes, e muito dinheiro para ele e seus homens.

7 Para mais detalhes sobre os conflitos desse período consultar SANTOS (1965)

8 O estado cedia a terra para a produção agrícola em troca de lealdade a coroa portuguesa.



Em janeiro de 1694, Domingos Jorge Velho e sua tropa de cerca de nove mil homens bem armados começaram a marchar para a guerra de Palmares.

Ao chegarem, surpreenderam-se com a fortaleza que encontraram: Uma imensa muralha de mais de cinco quilômetros de comprimento protegia o Quilombo e ao se aproximarem, o espanto maior foi que não era apenas uma, mas três grandes muralhas de proteção, com guaritas e atiradores a cada dois metros.

Os primeiros a chegarem perto da muralha caíram em fossos com serpentes e lanças, e agonizaram até a morte. Para não serem alvejados pelos atiradores palmarinos, a ideia foi a construção imediata de uma contra cerca para se protegerem e traçarem um plano.

Jorge Velho tentou diversos ataques a fortaleza palmarina e todos em vão. Seus homens morriam aos montes com a chuva de flechas ao se aproximarem da muralha. A alternativa foi pedir mais reforços, armas e munição vindos de Recife.

Na noite de cindo de fevereiro, Jorge Velho e seus subcomandantes têm a ideia de construir uma nova contra cerca oblíqua a muralha palmarina, já no extremo da serra da Barriga, a beira do penhasco, executando o plano durante a madrugada. Quando Zumbi percebeu o plano dos inimigos brancos, era tarde demais. Juntou os comandantes e oficiais de Palmares

e confessou seu fracasso na batalha, mas que a guerra seria ali na entrada do Quilombo e que todos deveriam lutar. Caso vencessem, o governo iria se enfraquecer com a derrota frente ao grande investimento colocado nessa guerra, e mesmo eles perdessem, os sobreviventes ainda podiam fugir e recomeçar um novo Palmares

A beira do abismo onde a muralha começava, os guerreiros foram enfrentar o exército de Jorge Velho, onde apenas um disparo foi suficiente para a desordem se estabelecer e cerca de duzentos quilombolas despencaressem abismo abaixo. O exército resolveu dar início a invasão e de dentro da fortaleza, conseguiu abrir os portões para que a grande massa de oficiais de Jorge Velho, bancados pelo governo de Pernambuco, entrasse e destruíssem tudo o que encontravam pela frente no Quilombo dos Palmares. Na tarde de 6 de fevereiro 1694, o Quilombo dos Palmares já estava destruído.

Por algum tempo se acreditou que Zumbi havia morrido junto as centenas de negros que caíram do abismo durante a guerra de Palmares. Mas não, ele estava vivo. Zumbi era um líder militar que venceu dezenas batalhas aplicando a tática da guerra do mato, onde se protegia ao embrenhar na selva, utilizando a geografia da Serra da Barriga para vencer seus combates. A única vez que tentou o combate frontal, fracassou. Mesmo assim conseguiu fugir com alguns de seus homens de confiança, dividindo seu bando para continuarem a

atuar na guerrilha fora de Palmares. Um desses bandos era chefiado por Antônio Soares, que foi emboscado, capturado e enviado para Recife.

Antônio Soares sofreu diversos tipos de tortura para confessar a localização do seu chefe Zumbi. Depois de muito resistir e sofrer, ele aceitou o acordo que poupava sua vida para entregar Zumbi, cooperando em um plano de encontrá-lo em alguns dias.

Quando reviu Zumbi, ele estava com seis guerrilheiros, mas já no primeiro abraço Antônio Soares enfiou uma faca em sua barriga e o exército que cercava o pequeno riacho surge. Mesmo em minoria e com um ferimento, Zumbi não desiste e enfrenta toda tropa, matando um e ferindo vários. Ainda assim, ele acaba morrendo fuzilado na manhã de 20 de novembro de 1695.

Na manhã seguinte, o cadáver de Zumbi chega a Porto Calvo com quinze furos de bala, diversos ferimentos de punhal, sem um olho, com a mão direita decepada, castrado com seu pênis enfiado na boca e ao ter o corpo reconhecido, arrancam a cabeça do cadáver e enviam para Recife, onde o governador manda espetar o corpo na ponta de um comprido pau e para exposição em praça pública. Para os brancos era a merecida vingança, enquanto os negros observavam o que acontecia com quem ia contra o sistema escravista da metrópole.

Por muitos anos a cabeça de Zumbi ficou exposta, sob sol, sob chuva e sob olhares, no coração do mundo açucareiro.

PARTE 2

ZUMBI NA EDUCAÇÃO



UM COMBATE AO RACISMO

“O conceito de racismo, segundo as teorias mais recentes, é mais do que discriminar ou ter preconceito racial, é uma ideologia que estabelece relação hierárquica entre características culturais e dissemina ideias de que algumas raças são, por natureza, superiores a outras. Essas ideologias impregnaram o orbe cristão colonial e continuam a espalhar seus ranços e malefícios até hoje. Aqui no Brasil, cinco séculos se passaram, e negros e mulatos continuam sendo discriminados pelo homem “branco”. Em diferentes momentos e sob diferentes justificativas, sempre foram tratados como seres inferiores em função de sua cor.” (Silva, 2005)

Como o professor pode utilizar a história de Zumbi dos Palmares para levar os alunos a se verem pertencentes da cultura afro-brasileira – uma das matrizes para formação cultural do nosso país? A principal resposta desta questão é questionando o modo eurocêntrico que a história é apresentada dentro das salas de aula.

Esse padrão eurocêntrico histórico é evidente quando observamos a maioria dos livros didáticos oferecidos nas escolas, onde a história africana, afro-brasileira, e indígena é quase nula dentro do que temos como base de ensino para “História do Brasil”.

Nota-se que os momentos onde os educandos encontram os povos indígenas é muito raso, apresentado um pouco sobre a cultura, sociedade, e características desses povos originários da América antes da chegada do europeu. Quase nada se fala de como viviam,

sua mitologia, cosmologia e da sua história, em geral, destina-se uma pequena parcela para compreendermos a cultura indígena que habitava essas terras antes da chegada dos portugueses. Ainda assim, quando se conta sobre os povos originários, a abordagem utilizada é “como eles foram colonizados”, apresentando-os como passivos a colonização.

O mesmo espaço reduzido se destina ao povo africano. Aliás, é destinado um grande espaço para a discussão sobre a escravidão, onde por mais que os professores passem para os alunos a crueldade desse período na história brasileira, esta é a lembrança que os alunos carregam de conhecimento sobre o povo negro: Conhecimento sobre a escravidão, de como eles foram oprimidos por três séculos. Não existe espaço para entender como se organizavam os países africanos que enviaram os negros para a América. Os livros didáticos são omissos em conteúdo para entendermos as diversas culturas existentes no oeste da África, que enviou aproximadamente 5 milhões de pessoas fundamentais para construir aquilo que hoje chamamos de cultura brasileira. Como podemos levar o educando a compreensão da cultura brasileira sem um entendimento das bases que a tornaram possível?

Deve-se sempre estar atento a prática da superação e, mais que isso, ao combate do racismo dentro das escolas. Como educadores, não se intimidar frente a um “modo tradicional” de contar a história dos povos africanos, afro-brasileiros e indígenas.

A escola é um reflexo da sociedade e os alunos têm um primeiro contato com um mundo social dentro da escola. É dentro da instituição educacional que eles se deparam com as diferenças, principalmente étnicas e culturas, e é dentro da sala de aula que se deve instruir os educandos como se portar frente essas diferenças, que em nossa sociedade atual ainda não são respeitadas.

Ainda existe a visão difundida por Gilberto Freire de que o Brasil é uma democracia racial, uma tentativa de discurso de um País cordial, sem discriminação racial. Porém, o que se observa é uma tentativa de disfarçar todo o racismo intrínseco na nossa história atrás e uma democracia racial, tornando-o ainda mais nocivo pelo fato de não se saber de onde ele vem, dificultando assim o combate a ele. No Brasil existe um racismo sorrateiro, disfarçado de ideologias pacificadoras e diversidade cultural harmônica. É preciso utilizar a educação como mediadora para compreensão e combate das estruturas racistas, descendente da ideologia cultural escravista que hoje assume uma forma de discriminação e preconceito, gerando uma sociedade segregacionista e opressora.

Na prática, o Brasil não sofreu uma intolerância racial explícita como o Apartheid da África do Sul ou a Ku Klux Klan nos Estados Unidos da América. Todavia, a maneira camuflada que o racismo assumiu no Brasil é tão agressiva quanto, pois atinge de forma social e permeia ao longo do tempo, onde se construiu uma

negação do negro como cidadão. As relações escravistas, que duraram mais de três séculos, é o exemplo mais claro dessa intolerância pois deixaram o legado das dificuldades na área de trabalho, bem como marginalizou os negros nas piores áreas das cidades, as favelas. Além disso, influencia também na educação desses negros que são colocados à margem da sociedade se deve instruir os educandos como se portar frente essas diferenças, que em nossa sociedade atual ainda não são respeitadas.

Depois da Lei Áurea, os antigos escravos não têm nenhum tipo de reinserção social. O negro vive totalmente a margem do processo social, impossibilitado de ascensão social, excluído como cidadão. É esta falta de cuidado com o negro que faz nascer a indiferença social – a típica forma de racismo brasileiro.

E como contra ponto, o Brasil nunca teve um herói, um símbolo na luta contra o racismo, como o Nelson Mandela contra o Apartheid ou como Martin Luther King e os Panteras negra contra a supremacia racial Norte Americana? Dentro os heróis nacionais, e os grandes nomes lembrados na história do Brasil não se tem um negro? Não se tem um personagem histórico que o jovem negro marginalizado possa se identificar?

Sim, Zumbi dos Palmares. Ainda que ele não tenha combatido o racismo, é importante lembrar que lutou até o fim de sua vida pela liberdade de todo o povo negro em um tempo histórico, quando a discriminação

racial era algo comum e aceitável. Mais que defender e abrigar os negros, os quilombos recebiam todos aqueles que a sociedade discriminava, como índios, judeus, etc. A luta de Zumbi representa uma das premissas do combate ao racismo: O que fere a dignidade de um grupo, fere toda a sociedade.

A própria construção da identidade do negro no Brasil foi criada em cima da inferioridade e invisibilidade dos mais de 300 anos de regime escravocrata. O preconceito ainda reflete dentro da prática docente e na história tradicional, deixando a população negra se enxergar como inferior e, por muitas vezes, negar suas raízes para ser aceito na sociedade. Uma falta de entendimento que desde cedo reflete o questionamento da diferença de identidade, indagações a respeito da autoimagem, do auto conceito baseada na percepção do outro. A discriminação e a formação do pensamento racial vêm cedo para a criança negra ao perceber as diferenças físicas, além dos conflitos entre as próprias crianças através das relações raciais que vêm com a curiosidade infantil. O que se entende por identidade é distanciado da criança com os estereótipos existentes dentro da educação atual, reflexo de um País racista, que mesmo pós abolição deixou o negro a mercê da sociedade, desamparado socialmente, gerando uma marginalização do mesmo.

É importante compreender que o momento pós abolição é tão crítico para o negro quanto a escravatura. Por um lado, ele deixa de ser um objeto, mas ao mesmo

tempo não é reconhecido como um membro da sociedade, sem uma noção de pertencimento de identidade. Assim, a reação do negro ao tentar se inserir em uma sociedade que não o abraça, o afasta de suas origens africanas e até mesmo passa a enxergar essas origens como um obstáculo para sua inserção, criando uma desvalorização da sua cultura originária, vivendo um processo de compreensão e busca de sua identidade a partir da negação de si próprio visando se adequar a uma “identidade padrão” (branco, europeu e cristão). Observa-se essa negação da identidade afro-brasileira pelo próprio negro como um mecanismo de defesa social do mesmo, vinda de uma construção histórica, social e cultural de opressão, e depois de omissão ao negro.

“Os libertos continuaram a viver à margem da economia brasileira, entregues à fome, à miséria e aos castigos corporais. Na maioria dos casos, ser livre ou escravo não mudava a situação precária da vida. A fome e o abandono os levavam ao alcoolismo, ao crime e mesmo à loucura. As condições insalubres em que viviam e os maus-tratos a que eram submetidos favoreciam a manifestação de doenças e os surtos de insanidade.” (Carneiro, 2002)



O NEGRO E A EDUCAÇÃO

Por mais que existissem leis que tentassem dignificar os negros libertos, elas acabavam sendo ignoradas. Antes mesmo da abolição, em 1871, após a Lei do Ventre Livre, foram criadas instituições para abrigar, cuidar e educar as crianças que nasciam livres e eram abandonadas pelos senhores de escravos, mas essas instituições não foram universalizadas e na prática não funcionaram nem supriam a quantidade de crianças abandonadas. Muitos são os movimentos que não foram aceitos pelas províncias. Em 1878 veio a educação de adultos negros e a obrigatoriedade das crianças negras de 7 a 14 anos frequentarem as escolas públicas, mas uma pequena parte da população apoiava esses movimentos – os democratas e os abolicionistas.

Em resposta a essa negação, surgem os movimentos negros como solução a toda essa opressão exercida e com o intuito de unir os negros em torno de uma identidade em comum, voltada as raízes africanas. Deste modo, desde o início do século XX, a educação foi um dos centros de suas preocupações e lutas. Entre 1926 e 1932, diversas associações negras são fundadas no Brasil, como o Centro Cívico Palmares, o Grêmio Dramático e Recreativo Kosmos, Frente Negra Brasileira e o Centro Negro de Culturas Sociais, com a ideia principal

de se unir para recordar essa identidade que até então era apenas marginalizada, e a partir da década de 20 passa a ter uma conotação de resistência⁹.

Durante a década de 30 essas organizações são acompanhadas por uma forte ascensão da imprensa negra, muita ativa e combativa, responsável por divulgar todas essas instituições e atividades, e também abrindo espaço para produções literárias negras e debates sobre questões educacionais, com ênfase na importância da educação para a superação dos problemas que o negro enfrentava na sociedade. O destaque não era apenas as mudanças que a elite branca tinha de tomar, mas sim o fortalecimento da identidade étnica negra, um esforço de conscientização cultural com intenções políticas em torno de uma causa em comum, educação de qualidade para a criança negra não somente no sentido de instrução, mas também de manifestação cultural porque até então ela era a branca e europeia – por consequência, inferiorizava o negro em todos os aspectos.

Nos anos 50 e 60, se observa nas articulações do movimento negro uma preocupação crescente com a valorização de uma cultura específica do negro, recordando sua identidade originária com as raízes africanas. O maior representante dessa valorização cultural do negro, herdeiro africano, é o carioca Abdias do Nascimento, ator, poeta, escritor, dramaturgo, artista plástico,

9 Para entender mais sobre as associações negras que se organizam no início do século consultar PINTO (1993)

professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras do Brasil. Do Teatro Experimental Negro, que teve grande influência na criação de um importante suporte institucional para essa cultura afrodescendente em ascendência, a Declaração de Princípios firmada pelo Comitê Afro-brasileiro em 1945, tinha como principal ponto a reivindicação da liberdade de culto para as religiões africanas no Brasil, uma grande conquista para o povo negro. Outro triunfo importante do movimento negro acontece em 1950, com o 1º Congresso Negro Brasileiro, que ocorre no Rio de Janeiro, e é um marco na história da educação do Brasil. A principal proposta do evento é propor uma discussão do negro na história brasileira, com ênfase na resistência negra durante o período escravocrata, nas figuras negras na história do Brasil, a sobrevivência religiosa, folclórica e as línguas africanas.

Já nas décadas de 70 e 80, o movimento negro utiliza um discurso mais agressivo em resposta à repressão dos governos militares vigentes nesse período, através do surgimento do MNU (Movimento Negro Unificado), que desde sua fundação foi um agente na luta contra a discriminação racial no Brasil. Nesse contexto, as questões do negro na história passam a ser incorporadas também no campo da educação e não mais apenas no campo cultural e intelectual, mas também dentro das escolas e nos livros didáticos, com uma crescente busca na recuperação da história negra e dos seus heróis,

buscando criar pontos de identificação para as crianças negras – procedimento essencial para a formação de sua identidade. O conjunto dessas ações estimula a necessidade de se assumir como negro, com uma identidade própria, que ganha evidência graças as lutas do movimento negro da década de 70.

A partir deste momento, ganha uma forma diretamente ligada a honra e ao orgulho das raízes da África, e nesse contexto nasce o termo afro-brasileiro, que dá ênfase ao sentido da ligação às suas origens. Desse ponto em diante, as lutas do movimento negro referente a educação se dividem em duas frentes: O combate a uma identidade estigmatizada, historicamente atribuída pela visão eurocêntrica, e um enorme empenho para transformar esse fato, principalmente através da criança.

Foi na década de 70 que a figura de Zumbi dos Palmares se torna o símbolo máximo do negro, como representante histórico e símbolo da luta da resistência. Esse movimento é um reflexo da autoafirmação do negro como agente histórico, resultado de todo um processo de desenvolvimento e afirmação de sua identidade baseada nas origens africanas, ao longo do século XX. Também é resultado de um distanciamento das figuras ligadas ao período escravocrata, que remetiam a uma narrativa de liberdade concedida pelos brancos, através da figura da Princesa Isabel e da Lei Áurea de 1888, pois agora passa a ser representado pela figura de Zumbi dos Palmares, um negro que se torna o maior inimigo do sistema escravista,

dentro do coração do mundo escravo do século XVII, e vira um símbolo da resistência negra, de não aceitação da repressão, um herói, um mártir, que morre defendendo sua ideologia, a qual lutou por toda sua vida, de repúdio a sistema escravocrata.

“Um acontecimento significativo nesse processo ocorreu em 1973, quando um grupo de Porto Alegre, reunidos para debater questões ligadas ao patrimônio cultural do negro, começa a questionar a comemoração do 13 de maio. Como resultado em 1978, durante a 2ª Assembleia Nacional do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial em Salvador, estabelece-se o dia 20 de novembro, dia da morte de Zumbi, como a data máxima para o negro. O 13 de maio passa a ser repellido pelo movimento negro, que passa a discutir formas de negar a data, ou, pelo menos diminuir a importância que lhe é atribuída.” (Pinto, 1993)

Nos anos 80, a principal argumentação do movimento negro, referente a educação é de um olhar mais detalhado para a história negra e a inserção da mesma nos currículos escolares, discurso este legitimado pelo fato do País possuir uma população majoritariamente negra. A ausência dessa história dentro dos currículos e dos materiais escolares influencia na falta de identidade que o povo brasileiro em geral tem com a cultura negra, favorecendo também a inferiorização do povo negro na nossa sociedade. Esse questionamento gera a criação de diversos departamentos especializados na inserção de políticas educacionais para a inclusão da cultura africana e afro-brasileira nas escolas, pensando principalmente na importância dessas iniciativas para a formação de identidade dos educandos negros. Em 1984 são criadas duas

frentes em São Paulo: A Comissão de Educação e Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra e o Grupo de Assuntos Afro-Brasileiros. Ambos conseguem uma série de transformações no currículo escolar da cidade, como a revisão dos currículos para a introdução de conteúdos não discriminatórios, servindo de exemplo para outras cidades do Brasil.

Em 1986, o Estado da Bahia introduz a disciplina de “Introdução a estudos africanos” nos 1º e 2º graus de diversas escolas da rede estadual de ensino. Já no início da década de 90, o Rio de Janeiro desenvolve a Secretaria Estadual de Defesa das Populações Negras, responsável por estender as questões raciais para dentro da educação no âmbito as práticas pedagógicas e, por consequência, gerou um fórum organizado no ano de 1991, reunindo profissionais do ensino e representantes das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação e de Cultura, com o intuito de discutir formas para a correção das distorções existentes no ensino a respeito da temática da História Negra, e também buscando traçar novas perspectivas e estratégias de trabalho.

“A ÁFRICA” (1991), foi resultado desse fórum, onde estava explícito toda a luta do movimento negro desde o início do século XX, a inserção da história africana e afro-brasileira nos currículos escolares. Outro ponto importante da publicação é sobre o quanto foi danoso para a criança negra toda essa omissão histórica da

sua cultura e o quanto isso foi responsável por minar a criatividade, a capacidade de reflexão e consequentemente o desempenho escolar do educando negro dentro das escolas. Os autores alertam que as crianças brancas também foram muito prejudicadas com essa omissão, pois foram privadas de conhecer os alicerces da cultura brasileira, uma parte fundamental da constituição de identidade nacional do País. Ao transmitir essa omissão, mesmo que de forma indireta, aflora nessa criança branca um sentimento de superioridade.

Essa publicação é a fundamentação teórica de toda a luta do movimento negro. Ele gera uma série de discussões e debates em torno da transformação educacional que era necessária para uma nova sociedade, onde o movimento negro, desde a virada do século XIX para o XX, foi responsável por um despertar de uma identidade cultural e social negra, principalmente através da imprensa negra, que foi o primeiro veículo de insatisfação da educação do negro, refletindo na década de 90 até o início do século XXI a imposição do afrodescendente como agente histórico, gerando assim uma mudança nas leis vigentes para a inserção da história africana e afro-brasileira dentro dos currículos educacionais e nos livros didáticos.

Em 1996, é instituída a Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira (LDB 9394/96), que regulamenta todo o sistema educacional, público e privado, da educação básica ao superior em território nacional.

Esta é a segunda vez que se organiza uma lei em favor da educação no país – a primeira foi em 1961 (LDB 4024/61) –, e a mudança da sociedade gera a necessidade de uma educação diferente, uma educação mais democrática. Mas dentro da LDB 9394/96 existia uma falha: A educação continuava a não suprir as necessidades étnico-culturais das crianças negras, distanciando as mesmas do senso de identidade nacional, um dos maiores indicadores desse fato era o grande índice de evasão das crianças negras das escolas.

O estado brasileiro busca então meios de corrigir esse débito de políticas públicas educacionais com o negro (e também com os indígenas) através de formas de ressarcir os descendentes africanos dos danos psicológicos, materiais, políticos e educacionais cometidos no regime escravista e suas consequências. Como reatuação é ratificada a lei 10.639/2003, que estabelece a inclusão da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino.

A lei não tem como objetivo inverter o foco etnocêntrico para um foco africanista. A ideia não é inverter valores e nem se utilizar do termo diversidade para continuar reproduzindo o pensamento padrão e estereotipado nas nuances das práticas pedagógicas, mas principalmente ampliar o olhar crítico para a diversidade existente na construção da sociedade brasileira, buscando outra forma de pedagogia, que trabalhe a multiplicidade cultural e étnica presente no nosso território, refletindo elas dentro da sala de aula.

Em 10 de março de 2008 é sancionada a lei 11.645, que altera as leis anteriores citadas, incluindo a “História Afro-brasileira e Indígena”, tornando obrigatório esses estudos nos ensinamentos fundamentais e médios nas instituições educacionais públicas e particulares, visando introduzir nos conteúdos programáticos a história e cultura afro-brasileira e indígena, resgatando as contribuições destes povos nas áreas sociais, econômicas e políticas na sociedade brasileira. É a maneira definitiva que o Estado introduz na educação as temáticas negras e indígenas, a fim de se redimir da história estereotipada e eurocêntrica que esses conteúdos eram apresentados nos currículos e livros didáticos até então.

A aplicabilidade dessas leis deve ser feita de forma a combater a padronização dos pensamentos da falta de identidade histórica do negro na constituição social e cultural do país. E a narrativa de Zumbi e do Quilombo dos Palmares elucidada esse panorama de combate ao racismo institucionalizado e histórico. Palmares é visto como a ousadia dos oprimidos que decidiram se rebelar através da resistência e da resiliência em prol da liberdade, e o educador pode se utilizar da história Palmarina para exemplificar esse sentimento de identidade que existiu no século XVII, torna ainda mais forte com a imagem de Zumbi, que luta por toda a sua vida em prol da afirmação de sua liberdade e de todo o povo negro que o cercava.

Zumbi lidera Palmares e expressa uma continuidade duradora das origens africanas e de resistência dentro do coração colonial, escravista e opressor, transformando-se no maior representante da cultura afro-brasileira na história do Brasil. Palmares em si é a representação e a reafirmação da cultura e estilo de vida africano, é o contraste da cultura negra, frente a massiva e repressiva cultura branca vigente no período histórico. O quilombo é uma reação e Zumbi é o símbolo desta, bem como de imposição através da resistência, da luta em favor da liberdade. Sua figura se torna a chave para o declínio de um sistema de exploração do negro, que por mais que ainda perdure por alguns séculos, seu papel social e revolucionário é responsável por recuperar não só a dignidade negra, mas a dignidade humana. Zumbi não deve ser representado apenas como um herói negro, pois a história mostra através da sua luta acima de tudo por uma sociedade mais justa, a figura histórica de Zumbi dos Palmares como um herói nacional.

Assim, a temática de Zumbi dos Palmares é a chave para nos dias de hoje, dentro das salas, ser a ferramenta principal do combate ao racismo institucionalizado, servindo de exemplo para todos os educandos, não só os negros, como uma figura histórica que teve como missão de vida combater o sistema segregacionista vigente, demonstrando com seu legado histórico que é possível desestruturar o racismo através de ações.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O racismo no Brasil deve ser visto e compreendido como um problema de todos os cidadãos brasileiros pois é reflexo de uma dívida histórica que temos com os afro-descendentes, parte fundamental da formação do Brasil tanto econômica quanto na forma de identidade cultural da nação, o que torna o próprio racismo uma contradição cultural. Cabe ao professor levar a conscientização dessa contradição do racismo em um País com tamanha diversidade cultural, e compete ao educador, através da sua prática docente dentro da sala de aula, ser um promotor da igualdade, utilizando-se de debates e discussões da história de Zumbi e do Quilombo dos Palmares como ferramentas a favor da conscientização, para entender esse legado da cultura escravista, levando o educando a compreender que esse legado assumiu formas de discriminação e preconceito que favoreceram o contexto de opressão, gerando uma sociedade racista.

O professor tem na história de Zumbi os mecanismos necessários para compreender e combater o racismo em nossa sociedade, utilizando-se da educação como mediadora e fazendo da escola muito mais que um ambiente de conhecimento teórico, mas sim um ambiente de transformação social. A escola em si é um microcosmo da sociedade, com suas características socioculturais,

e como instituição, a escola é o resultado das transformações sociais que ocorrem durante a história, por consequência é também uma reprodutora da ideologia dominante (patriarcal, branca europeia, superior a todas as outras etnias), que é uma herança da colonização, e assim reflete as mazelas da sociedade.

Fechar os olhos para essas feridas é o principal problema da reprodução social do racismo dentro da educação. A omissão no sistema escolar contribui com o prejuízo na aprendizagem dos jovens negros, dificultando um processo identitário histórico, fazendo esse jovem não se sentir parte da cultura e aflorar essa marginalização cultural do negro, oprimindo o educando, gerando mágoas e sofrimentos, reforçando essas chagas sociais. Isso se resolve quando a educação passa a ser uma catalizadora do racismo, um veículo para discussão dos problemas sociais, um cenário onde haja uma liberdade para o debate.

O professor é o agente dessa transformação, devendo propor com a didática que o cabe o confronto direto com a raiz do problema. Utilizar a história de Zumbi dos Palmares é dar um exemplo que não se deve estar em um ponto neutro frente a uma desigualdade, frente ao racismo, mas que se deve resistir, como o próprio Zumbi, e ser ponto de conscientização e respeito as diferenças, como os Quilombos. Dessa forma é possível transformar a sala de aula em um espaço de combate ao racismo, levando a escola a ser protagonista

na superação dessa mazela social, sendo um exemplo para toda a sociedade de um espaço de construção para substituir ações e discursos racistas e discriminatórios por valores novos, de respeito e dignidade humana.

O educador tem o dever de fazer uma análise no racismo intrínseco na educação e nas instituições escolares, observando o quanto isso é um reflexo social e assim ser um agente através das suas práticas docentes, tornando-se um promotor da igualdade.



REFERENCIAL TEÓRICO

BRASIL. **Constituição Federal do Brasil**: atualizada em 2009. Editora Escala, São Paulo, 2009.

BRASIL, **Lei n. 10.639**. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.

CARNEIRO, Maria Luzia Tucci. **O racismo na história do Brasil, mito e realidade**. 8^o edição. Maria Luzia Tucci Carneiro, coordenação Francisco M. P. Teixeira – São Paulo, 2002.

CARVALHO, Aline Vieira de. **Palmares como espaço de sonhos: análise dos discursos arqueológicos sobre a Serra da Barriga**. Aline Vieira de Carvalho, orientação de Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Furnari – São Paulo, 2005.

GOMES, Flavio dos Santos. **De olho em Zumbi dos Palmares: histórias, símbolos e memória social**. Flavio dos Santos Gomes, coordenação Lilia Moritz Schwarcz e Lucia Garcia – São Paulo: Claro Enigma, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade**. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001, p.83-96.

- SANTOS, Joel Rufino dos. **Zumbi**. Joel Rufino dos Santos – São Paulo: Editora Moderna, 1985.
- SILVA, Sueli Melo. **Educação e Racismo no Brasil**. Sueli Melo Silva, Universidade Federal do Sudoeste da Bahia – Campinas, Revista HISTEDBR, 2005.
- OLIVEIRA, José Reinaldo. **Educação e Racismo: Conhecendo as contradições do passado para construir a escola do futuro**. José Reinaldo, Universidade Católica de Brasília – Brasília, 2008.
- PINTO, Regina Pahim. **Movimento Negro e Educação do Negro: A ênfase na identidade**, Fundação Carlos Chagas – São Paulo, 1993.
- TEIXEIRA, Albano Luiz Francisco. **Um breve histórico da educação brasileira, sob o signo da precariedade**. Rio de Janeiro, 2015.

O AUTOR

Nascido na década de 90 e criado na cidade de Taboão da Serra, em São Paulo, neto de nordestinos e bisneto de imigrantes da Síria e da Itália, Walter Vadala é professor do Estado de São Paulo desde 2013, por opção vem lecionando nas áreas mais periféricas, é historiador, com pós graduação em e Psicopedagogia, e Arte e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, e atualmente estudante de Ciências Sociais. Fundador do Coletivo Cultura Viva, um movimento de propagação das culturas indígenas da América através de eventos culturais e produções audiovisuais, produziu e lançou em 2019 um documentário sobre como os Guaranis transmitem seus conhecimentos originários para suas crianças através do canto, o documentário é intitulado “Vozes Guarani”.

